

## **Auto de Morfina Mendes, de Gil Vicente**

### **Fonte:**

VICENTE, Gil. Auto de Mofina Mendes. In: \_\_\_\_\_. *Obras Primas do Teatro Vicentino*. Introdução, organização e comentários de Segismundo Spina. São Paulo: Difusão Européia do Livro/Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Paulo David Benson

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>*

## **AUTO DE MOFINA MENDES Gil Vicente**

### *Figuras:*

A VIRGEM

PAIO VAZ  
PRUDÊNCIA

PESSIVAL  
POBREZA

MOFINA MENDES  
HUMILDADE

BRAZ CARRASCO  
FÉ

BARBA TRISTE  
O ANJO GABRIEL

TIBALDINHO  
S. JOSÉ

Anjos.

A obra seguinte foi representada ao excelente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João III, endereçada às matinas do Natal, na era do Senhor 1534.

*Entra primeiramente um Frade, e a modo de pregação diz o que se segue:*

*Fra.* Três coisas acho que fazem  
ao doido ser sandeu:  
uma ter pouco siso de seu,  
a outra, que êsse que tem  
não lhe presta mal nem bem:  
e a terceira,  
que endoidece em grã maneira,  
é o favor (livre-nos Deus)  
que faz do vento cimeira,  
e do toutiço moleira,  
e das ondas faz ilhéus.

Diz Francisco de Mairões,  
Ricardo e Bonaventura,  
não me lembra em que escritura,  
nem sei em quais distinções,  
nem a cópia das razões;  
mas o latim  
creio que dizia assim:  
*Nolite vanitatis debemus con lidere de  
his, qui capita sua posuerunt in  
[manibus ventorum etc.*

Quer dizer êste matiz  
entre os primores que traz:  
não é sisudo o juiz  
que tem jeito no que diz  
e não acerta o que faz.

Diz *Boécio* — *de consolationis*,

*Origines — Marci Aureli,*  
*Sailustius — Catilinarium,*  
*Josefo — speculum beili,*  
glosa interliniarum;

*Vicentius — scala coeli,*  
*magister sententiarum,*  
*Demosthenes, Calistrato;*  
todos êstes concertaram  
com *Scoto*, livro quarto.  
Dizem: não vos enganeis,  
letrados de rio torto,  
que o porvir não no sabeis,  
e quem nisso quer pôr péis  
tem cabeça de minhoto.

O bruto animal da serra,  
ó terra filha do barro,  
como sabes tu, bebarro,  
quando há-de tremer a terra,  
que espantas os bois e o carro?  
- pelos quais *dixit Anselmus,*  
*e Seneca, - Vandaliarum,*  
*e Plinius – Choronicarum,*  
*et ta,nen glosa ordinaria*  
*et Alexander — de aliis,*  
*Aristoteles — de secreta secretorum:*

*Albertus Magnus,*  
*Tuilius Ciceronis,*  
*Ricardus, Ilarius, Remigius,*  
dizem, convém a saber:

se tens prenhe tua mulher  
e por ti o compuseste,  
queria de ti entender  
em que hora há-de nascer,  
ou que feições há-de ter  
êsse filho que fizeste.

Não no sabes, quanto mais  
cometerdes falsa guerra,  
presumindo que alcançais  
os secretos divinais  
que estão debaixo da terra,  
pelo qual diz *Quintus Curtius*,  
*Beda - de religione christiana*,  
*Thomas - super trinitas alternati*,  
*Agustinus - de angelorum choris*,  
*Hieronimus - d'alphabeticus hebraice*,  
*Bernardus - de virgo assumptionis*,  
*Remigius - de dignitate sacerdotum*.

Êstes dizem juntamente  
nos livros aqui alegados:  
se filhos haver não podes,  
nem filhas por teus pecados,  
cria dêsses enjeitados,  
filhos de clérigos pobres.  
Pois tens saco de cruzados,  
lembre-te o rico avarento,  
que nesta vida gozava  
e no inferno cantava:  
água, Deus, água,  
que lhe arde a pousada.

Mandaram-me aqui subir  
neste santo anfiteatro,  
para aqui introduzir  
as figuras que hão-de vir  
com todo seu aparato.

É de notar  
que haveis de considerar  
isto ser contemplação  
fora da história geral,  
mas fundada em devoção.

A qual obra é chamada  
os mistérios da Virgem,  
que entrará acompanhada  
de quatro Damas, com quem  
de menina foi criada:  
a uma chamam Pobreza,  
outra chamam Humildade;  
damas de tanta nobreza,  
que tôd'alma que as preza  
é morada da Trindade.

À outra, terceira delas,  
chamam Fé por excelência;  
à outra chamam Prudência,  
e virá a Virgem com elas,  
com mui formosa aparência:  
será logo o fundamento  
tratar da saüdação,  
e depois dêste sermão

um pouco do nascimento;  
tudo por nova invenção.

Antes disto que dissemos,  
virá com música orfea  
*Domine labia mea,*  
e *Venite adoremus*  
vestido com capa alhea.  
Trará *Te Deum laudamus*  
d'escarlata uma libré:  
*Jam lucis orto sidere*  
cantará o *benedicamus,*  
pela grã festa que é.

*Quem terra, pontus, aethera*  
virá muito assossegado

num sendeiro mal pensado  
e num gibão de tafetá  
e uma gorra de orelhado.

*Neste passo entra Nossa Senhora, vestida como rainha, com as ditas donzelas, e diante quatro anjos com música: e depois de assentadas, começam cada uma de estudar por seu livro, e diz a*

*Vir.*                   Que ledes, minhas criadas?  
Que achais escrito aí?

*Pru.*                   Senhora, eu acho aqui  
grandes coisas inovadas,  
e mui altas para mi.  
Aqui a Sibila Ciméria  
diz que Deus será humanado  
de uma virgem sem pecado,

que é profunda matéria  
para meu fraco cuidado.

*Pob.* Erutea profetisa  
diz aqui também o que sente:  
que nascerá pobrementemente,  
sem cueiro nem camisa,  
nem coisa com que se aquecente.

*Hum.* E o profeta Isaias  
fala nisto também cá:  
eis a Virgem conceberá  
e parirá o Messias,  
e flor virgem ficará.

*Fé.* Cassandra deI-rei Priamo  
mostrou essa rosa frol  
com um menino a par do sol  
a César Otaviano,  
que o adorou por Senhor.

*Pru.* *Rubum quem viderat Moïsen*  
sarça, que no êrmo estava,  
sem lhe pôr lume ninguém;  
o fogo ardia mui bem,  
e a sarça não se queimava.

*Fé.* Significa a Madre de Deus:  
esta sarça é ela só;  
e a escada que vio Jacó,  
que subia aos altos céus,  
também era de seu vó.

*Pru.* Deve de ser por razão  
de tôdas perfeições cheia  
tôda, quem quer que ela é.

*Num.* Aqui a chama Salomão  
*tota pulebra arnica mea,*  
*et macula non est in te.*

E diz mais, que *é porta coeil*  
*et electa ut sol,*  
bálsamo mui oloroso,  
*pulchra ut lilium* gracioso  
das flôres mais linda flor,  
dos campos o mais formoso:  
chama-se *plantatio rosa,*  
*nova oliva speciosa,*  
mansa *columba Noe,*  
estrêla a mais lumiosa.

*Pru.* *Et acies ordinata,*  
formosa filha d'el-rei  
de Jacó, *et tabernacula*  
*speculum sine macula,*  
*ornata civitas Dei.*

*Fé.* Mais diz ainda Salomão:  
*Hortus conclusus, flos hortorum,*  
*medecina peccatorum,*  
direita vara de Arão,  
alva sôbre quantas foram,  
santa sôbre quantas são.

E seus cabelos polidos  
são formosos em seu grado  
como manadas de gado,  
e mais que os campos floridos  
em que anda apacentado.

*Pru.*           É tão zeloso o Senhor,  
                    que quererá o seu estado  
dar ao mundo por favor,  
por uma Eva pecador,  
uma virgem sem pecado.

*Vir.*            Oh! se eu fôsse tão ditosa  
                    que com êstes olhos visse  
                    senhora tão preciosa,  
                    tesouro da vida nossa,  
                    e por escrava a servisse!  
Que onde tanto bem se encerra,  
vendo-a cá entre nós,  
nela se verão os céus,  
e as virtudes da terra  
e as moradas de Deus.

*Neste passo entra o anjo Gabriel, dizendo:*

*Gab.*            Oh! Deus te salve, Maria,  
                    cheia de graça graciosa,  
                    dos pecadores abrigo!  
Goza-te com alegria,  
humana e divina rosa,  
porque o Senhor é contigo.

*Vir.* Prudência, que dizeis vós?

que eu muito turbada sou;  
porque tal saüdação  
não se costuma entre nós.

*Pru.* Pois que é auto do Senhor,  
senhora, não esteis turbada;  
tornai em vossa color,  
que, segundo o embaixador,  
tal se espera a embaixada.

*Gab.* Ó Virgem, se ouvir me queres,  
mais te quero inda dizer:  
benta és tu em mereceres  
mais que tôdas as mulheres,  
nascidas e por nascer.

*Vir.* Que dizeis vós, Humildade?  
- que êste verso vai mui fundo,  
porque eu tenho por verdade  
ser em minha qualidade  
a menos cousa do mundo.

*Hum.* O Anjo, que dá o recado,  
sabe bem disso a certeza.  
Diz Davi, no seu tratado,  
qu'êsse esprito assim humilhado  
é cousa que Deus mais preza.

*Gab.* Alta Senhora, saberás  
que tua santa humildade

te deu tanta dignidade,  
que um filho conceberás  
da divina Eternidade.  
Seu nome será chamado  
Jesus e Filho de Deus;  
e o teu ventre sagrado  
ficará horto cerrado,  
e tu — Princesa dos Céus.

*Vir.*                    Que direi, Prudência minha?  
a vós quero por espelho.

*Pru.*                    Segundo o caso caminha,  
deveis, Senhora Rainha,  
tomar com o Anjo conselho.

*Vir.*                    *Quomodo fiat istud,*  
*quoniam virum non cognosco?*  
porque eu dei minha pureza  
ao Senhor, e meu poder,  
com tôda minha firmeza.

*Gab.*                    *Spiritus sanctus superveniet in te;*  
e a virtude do Altíssimo,  
Senhora, te cobrirá;  
porque seu filho será,  
e teu ventre sacratíssimo  
por graça conceberá.

*Vir.*                    Fé, dizei-me vosso intento,  
que êste passo a vós convém.  
Cuidemos nisto mui bem,

porque a meu consentimento  
grandes dúvidas lhe vêm.

Justo é que imagine eu,  
e que estê muito turbada:  
querer quem o mundo é seu,  
sem merecimento meu,  
entrar em minha morada,  
e uma suma perfeição,  
de resplendor guarnecido,  
tomar para seu vestido  
sangue do meu coração,  
indigno de ser nascido!

E aquêle que ocupa o mar,  
enche os céus e as profundezas,  
os orbes e redondezas;  
em tão pequeno lugar  
como poderá estar  
a grandeza das grandezas!

*Gab.*                    Porque tanto isto não peses,  
nem duvides de querer,  
tua prima Elisabete  
é prenhe, e de seis meses.

E tu, Senhora, hás-de crer  
que tudo a Deus é possível,  
e o que é mais impossível,  
lhe é o menos de fazer.

*Vir.*                    Anjo, perdoai-me vós,

que com a Fé quero falar:  
pedirei sinal dos Céus.

*Fé.*                    Senhora, o poder de Deus  
não se há-de examinar.

Nem deveis de duvidar,  
pois sois d'êle tão querida

*Gab.*                    E d'abinitio escolhida,  
e manda-vos convidar,  
para madre vos convida.

*Vir.*                    *Ecce ancilia Domini,*  
faça-se sua vontade  
no que sua Divindade  
mandar que seja de mi,  
e de minha liberdade.

*Neste passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos à sua partida tocam seus instrumentos, e cerra-se a cortina. Juntam-se os pastôres para o tempo do nascimento. Entra primeiro André e diz:*

*And.*                    Eu perdi, se s'acontece,  
a asna ruça de meu pai.  
O rasto por aqui vai,  
mas a burra não parece,  
nem sei em que vale cai.  
Leva os tarros e apeiros,  
e o surrão cos chocalhos,  
os samarros dos vaqueiros,  
dois sacos de pães inteiros,

porros, cebolas e alhos.

Leva as peas da boiada,  
as carrancas dos rafeiros,  
e foi-se a pascer folhada,  
porque bêsta despeada  
não pasce nos sovereiros.  
E se ela não parecer  
até por noite fechada,  
não temos hoje prazer,  
que na festa sem comer  
não há i gaita temperada.

*Entra Paio Vaz e diz:*

*Pai.*                    Mofina Mendes é cá  
c'um fato de gado meu?

*And.*                    Mofina Mendes ouvi eu  
assoviar, pouco há,  
no vale de João Viseu.

*Pai.*                    Nunca esta môça sossega,  
nem samica quer fortuna:  
anda em saltos como pêga,  
tanto faz, tanto trasfega,  
que a muitos importuna.

*And.*                    Mofina Mendes quanto há  
que vos serve de pastôra?

*Pai.* Bem trinta anos haverá,  
ou creio que os faz agora;  
mas sossêgo não alcança,  
não sei que maleita a toma:  
ela deu o saco em Roma  
e prendeu el-rei de França;  
agora andou com Mafoma  
e pôs o turco em balança.

Quando cuidei que ela andava  
co meu gado onde soia,  
pardeus! Ela era em Turquia,  
e os turcos amofinava,  
e a Carlos César servia.  
Diz que assim resplandecia  
neste capitão do céu,  
a vontade que trazia,  
que o turco esmoreceu  
e a gente que o seguia.

Receou a guerra crua  
que o César lhe prometia;  
entonces *per aliam viam*  
*reverte sunt in patria sua*  
com quanta gente trazia.

*Entra Pessival.*

*Pes.* Achaste a tua burra, Andrei?

*And.* Bofã não.

*Pes.* Não pode ser.  
Busca bem, deixa o fardel,  
que a burra não era mel,  
que a haviam de comer.

*And.* Saltariam pêgas nela  
por causa da matadura.

*Pes.* Pardeus! Essa seria ela!  
E que pêga seria aquela  
que lhe tire a albardadura?

*Pai.* Mas crê que andou por aí  
Mofina Mendes, rapaz;  
que, segundo as cousas faz,  
se isto não fôr assi,  
que não seja eu Paio Vaz.

Ora chama tu por ela,  
e aposto-te a carapuça  
que a negra burra ruça  
Mofina Mendes deu nela.

*And.* Mofina Mendes! Ah Mofina Men!

*Mof.* Que queres, André? Que hás?

*(de longe)*

*And.* Vem tu cá, e vê-lo-ás;

e se hás-de vir, logo vem,  
e acharás aqui também  
a teu amo Paio Vaz.

*Entra Mofina Mendes, e diz Paio Vaz:*

*Pai.*                    Onde deixas a boiada  
e as vacas, Mofina Mendes?

*Mof.*                    Mas, que cuidado vós tendes  
de me pagar a soldada  
que há tanto que me retendes?

*Pai.*                    Mofina, dá-me conta tu  
onde fica o gado meu.

*Mof.*                    A boiada não vi eu,  
andam lá não sei por u,  
nem sei que pacigo é o seu.

Nem as cabras não nas vi,  
samicas cos arvoredos;  
mas não sei a quem ouvi  
que andavam elas por i  
saltando pelos penedos.

*Pai.*                    Dá-me conta rês e rês,  
pois pedes todo teu frete.

*Mofl.*                    Das vacas morreram sete,  
e dos bois morreram três.

*Pai.*                    Que conta de negregura!

Que tais andam os meus porcos?

*Mof.* Dos porcos os mais são mortos  
de magreira e má ventura.

*Pai.* E as minhas trinta vitelas  
das vacas, que te entregaram?

*Mof.* Creio que i ficaram delas,  
porque os lobos dizimaram,  
e deu ôlho mau por elas,  
que mui poucas escaparam.

*Pai.* Dize-me, e dos cabritinhos  
que recado me dás tu?

*Mof.* Eram tenros e gordinhos,  
e a zorra tinha filhinhos  
e levou-os um e um.

*Pai.* Essa zorra, essa malina,  
se lhe correras trigosa,  
não fizera essa chacina,  
porque mais corre a Mofina  
vinte vêzes que a raposa.

*Mof.* Meu amo, já tenho dada  
a conta do vosso gado  
muito bem, com bom recado;  
pagai-me minha soldada,  
como temos concertado.

*Pai.* Os carneiros que ficaram,  
e as cabras, que se fizeram?

*Mof.* As ovelhas reganharam,  
as cabras engafeceram,  
os carneiros se afogaram,  
e os rafeiros morreram.

*Pes.* Paio Vaz, se queres gado,  
dá ao demo essa pastôra:  
paga-lhe o seu, vá-se embora  
ou má-hora, e põe o teu em recado.

*Pai.* Pois Deus quer que pague e peite  
tão daninha pegureira,  
em pago desta canseira  
toma êste pote de azeite  
e vai-o vender à feira;  
e quiçais medrarás tu  
o que eu contigo não posso.

*Mof.* Vou-me à feira de Trancoso  
logo, nome de Jesu,  
e farei dinheiro grosso.

Do que êste azeite render  
comprarei ovos de pata,  
que é a coisa mais barata  
que eu de lá posso trazer;  
e êstes ovos chocarão;  
cada ovo dará um pato,  
e cada pato um tostão,

que passará de um milhão  
e meio, a vender barato.  
Casarei rica e honrada  
por êstes ovos de pata,  
e o dia que fôr casada  
sairei ataviada  
com um brial de escarlata,  
e diante o desposado,  
que me estará namorando:  
virei de dentro bailando  
assim dest' arte bailado,  
esta cantiga cantando.

*Estas cousas diz Molina Mendes com o pote de azeite à cabeça e, andando enlevada no baile, cai-lhe, e diz:*

*Pai.*                    Agora posso eu dizer,  
e jurar, e apostar,  
que és Mofina Mendes tôda.

*Pes.*                    E s'ela bailava na boda,  
qu'está ainda por sonhar,  
e os patos por nascer,  
e o azeite por vender,  
e o noivo por achar,  
e a Mofina a bailar;  
que menos podia ser?

*Vai-se Molina Mendes, cantando.*

*Mol.*                    Por mais que a dita me enjeite,  
*pastôres, não me deis guerra;*  
*que todo o humano deleite,*

*como o meu pote de azeite,  
há-de dar consigo em terra?*

*Entram outros pastôres, cujos nomes são: Braz Carrasco, Barba Triste e Tibaldinho; e diz:*

*Bra.*                    O Pessival meu vizinho!

*Pes.*                    João Carrasco, dize, - viste  
a burra dêsse outeirinho?

*Bra.*                    Pergunta tu a Tibaldinho,  
ou pergunta a Barba Triste,  
ou pergunta a João Calveiro.

*Joã.*                    O fato trago eu aqui,  
e a burra eu a meti  
na côrte do Rabileiro.  
Nós deitemo-nos por ai.

Andamos todos cansados,  
O gado seguro está:  
e nós aqui abrigados  
durmamos senhos bocados,  
que a meia-noite vem já.

*Neste passo se deitam a dormir os pastôres; e logo se segue a segunda parte, que é uma breve contemplação sôbre o Nascimento.*

O cordeiro divinal,  
precioso verbo profundo,  
vem-se a hora  
em que teu corpo humanal  
quer caminhar pelo mundo.

Desde agora  
sairás ao campo mundano  
a dar crua e nova guerra  
aos inimigos,  
e glória a Deus soberano  
*In excelsis et in terra*  
*pax hominibus.*

Sairá o nobre Leão,  
rei da tribo de Judá,  
*Radix David;*  
o duque da promessa  
como espôso sairá  
do seu jardim.

E o Deus dos anjos servido,  
*sanctus, sanctus,* sem cessar  
lhe cantando,  
vereis em palhas nascido

suspirando.

E porque a noite é quase meia,  
e são horas que esperemos  
seu nascer,  
ide, Fé, por essa aldeia  
acender esta candeia,  
pois outras tochas não temos  
que acender; e sem serdes perguntada,  
nem lhes vir pela memória,  
dizeis em cada pousada  
qu' esta é a vela da glória.

*Neste passo José e a Fé vão acender a candeia, e a Virgem com as  
Virtudes, de joelhos, a versos rezam êste*

SALMO

*Vir.*                    Ó devotas almas fêlis,  
para sempre sem cessar  
*Laudate Dominum de coelis,*  
*Laudate eum in excelsis,*  
quanto se pode louvar.

*Pru.* Louvai, anjos do Senhor,  
ao Senhor das altezas,  
e tôdalas profundezas,  
louvai vosso criador com tôdas suas grandezas.

*Hum.* *Lauda te eum, Sol et Luna,*  
*laudate eum, stella et lumen,*  
*et lauda Hierusalem,*  
ao Senhor que te enfuna  
neste portal de Belém.

*Vir.* Louvai o Senhor dos céus,  
louvai-o, água das águas,  
que sôbre os céus sois firmadas;  
e louvai o Senhor Deus,  
relâmpagos e trovoadas.

*Pru.* *Laudate Dominum de terra,*  
*dracones et onnes abyssi,*  
e tôdas adversidades  
de névoas e serra,  
ventos, nuvens *et eclipsi,*  
e louvai-o, tempestades.

*Hum.*                    *Bestiae et universa*

*pecara, volucres, serpentes,*  
louvai-o, tôdalas gentes,  
e tôda a cousa diversa  
que no mundo sois presentes.

*Vem a Fé com a vela sem lume, e diz:*

*Jos.*                    Não vos anojeis, Senhora,  
pois estais em terra alheia,  
ser o parto sem candeia,  
porque as gentes d'agora  
são de mui perversa veia.  
Todos dormem a prazer,  
sem lhes vir pela memória  
que por fôrça hão-de morrer;  
e não querem acender  
a santa vela da glória.

*Huni.*                    Deviam ter piedade  
da Senhora peregrina,  
romeira da Cristandade,  
que está nesta escuridade,  
sendo Princesa divina,  
para exemplo dos senhores,

para lição dos tiranos,  
para espelho dos mundanos,  
para lei aos pecadores,  
e memória dos enganos.

*Fé.*                    Não fica por lho pregar,  
não fica por lho dizer,  
não fica por lho rogar;  
mas não querem acordar  
com pressa de adormecer.  
Dêles fazem que não ouvem,  
e ôles ouvem muito bem;  
dêles fazem que não vêem,  
e dêles que não entendem  
o que vai nem o que vem.

Sem memória nem cuidado  
dormem em cama de flôres,  
feita de prazer sonhado:  
seu fogo tão apagado  
como em choça de pastôres;  
e vossa divina vela,  
vossa eternal candeia,  
feita da cera mais bela,  
em cidade nem aldeia

não há aí lume pra ela.

Todo mundo está mortal,  
pôsto em tão escuro porto  
de uma cegueira geral,  
que nem fogo, nem sinal,  
nem vontade: tudo é morto.

*Vir.*                    Prudência, i vós com ela,  
que nas horas há aí mudança:  
e acendei essoutra vela,  
que se chama da esperança,  
e lhes convém acendê-la.

E dissei-lhe que o pavio  
desta vela é a salvação,  
e a cera o poderio  
que tem o livre alvedrio,  
e o lume a perfeição.

*Jos.*                    Senhora, não monta mais  
semear milho nos rios,  
que queremos por sinais  
meter coisas divinais

nas cabeças dos bugios.

Mandai-lhe acender candeias,  
que chamem ouro e fazenda,  
e vereis bailar baleias,  
porque irão tirar das veias  
o lume com que se acenda.

E à gente religiosa  
manda-lhes velas bispais;  
a cera, de renda grossa;  
os pavios, de casais;  
e logo não porão grosa.

*Pru.* Senhora, a meu parecer,  
para esta escuridade  
candeia não há mister;  
que o Senhor que há-de nascer  
é a mesma claridade:  
*lumem ad revelationem gentium*  
é profetizado a nós,  
e agora se há-de cumprir,  
pois para que é ir e vir  
buscar lume para vós,  
pois lume haveis de parir?

Nem deveis de estar aflita,  
para lhe guisar manjar,  
porque é fartura infinita,  
é chamado *Panis vita*,  
não tendes que desejar.  
E se para seu nascer  
tão pobre casa escolheu,  
não vos deveis de doer,  
porque onde êle estiver  
está a côrte do Céu.

Se cueiros vos dão guerra,  
que os não tendes porventura,  
não faltará cobertura  
a quem os céus e a terra  
vestiu de tal formosura.

*Neste passo chora o Menino, pôsto num berço: as Virtudes cantando o  
embalam, e o Anjo vai aos pastôres e diz cantando:*

*Anj.*                   “Recordai, pastôres !“

*And.*                   Ou de lá, que nos quereis?

*Anj.*                   “Que vos levanteis.”

*And.* Para que, ou que vai lá?

*Anj.* “Nasceu em terra de Judá  
um Deus só, que vos salvará.”

*And.* E dou-lhe que fôsem três:  
eu não sei que nos quereis.

*Anj.* “Que vos levanteis.”

*And.* Quero-m’eu erguer, entanto  
veremos que isto quer ser.  
Sempre me esquece o benzer  
cada vez que me levanto.

*(Os Anjos cantando)*

*Anj.* “Ah pastor! Ah pastor !“

*And.* Que nos quereis, escudeiros?

*Anj.* Chama todos teus parceiros,  
vereis vosso Redentor.”

*And.* Não durmais mais, Paio Vaz,  
ouvireis cantar aquilo.

*Pai.* Ora tu não vês que é grilo?  
Vai-te daí, aramá vás,  
que eu não hei mister ouvi-lo.

*And.* Pessival, acorda já.

*Pes.* Acorda tu a João Carrasco.

*Joã.* Não creio eu em São Vasco,  
se me tu acolhes lá.

*And.* Levanta-te, Barba Triste.

*Bar.* Tu que hás, ou que me queres?

*And.* Que vamos ver os prazeres,  
que eu nem tu nunca viste.

*Bar.* Pardeus, vai tu se quiseres,  
salvo se na refestela  
me dessem bem de comer;  
senão, deixa-me jazer,

que não hei-de bailar nela;  
vai tu lá embora ter.

Acorda a Tibaldinho,  
e ao Calveiro e outros três,  
e a mim cobre-me os pés;  
então vai-te teu caminho,  
que eu hei-de dormir um mês.

*Anj.* Pastôres, ide a Belém.

*And.* Tibaldinho, não te digo  
que nos chama não sei quem?

*Tib.* Bem no ouço eu, porém  
que tem Deus de ver comigo?

*And.* Isso é parvoejar:  
levantai-vos, companheiros,  
que por vales e outeiros  
não fazem nego chamar  
por pastôres e vaqueiros.

*Anj.* Para a festa do Senhor  
poucos pastôres estais.

*Pai.* Vós bacêlo quereis pôr,  
ou fazer algum favor,  
que tanta gente ajuntais?

*Anj.* Vós não sois oficiais  
senão de guardardes gado.

*Joã.* Dizei, Senhor, sois casado?  
Ou quando embora casais?

*And.* Oh como és desentoadado!

*Anj.* Quisera que fôreis vós  
vinte ou trinta pegureiros.

*Pai.* Antes que vós deis três vãos,  
bem ajuntaremos nós  
nesta serra cem vaqueiros.

*Anj.* Ora trazei-os aqui,  
e esperai naquela estrada,  
que logo a Virgem sagrada  
a Hierusalém vai por i  
ao templo endereçada.

*Tocam os Anjos seus instrumentos, e as Virtudes, cantando, e o pastôres,  
bailando, se vão.*

LAUS DEO

**FIM**